

Verso versus Universo, ou Antiteses sobre o anticonceito do Antipoético

Marco Calil¹

Prolegômeno lexical ou Jogos de linguagem

VERSO

1. verter (lat. *vertere*) = virar, volver, entornar, entortar;
+ lat. frequentativo (*-sare*) =
2. versar (lat. *versare*) = revirar, girar, ficar virando.

per_

1. perverter (lat. *pervertere*) = virar por completo, corromper
+ lat. frequentativo (*-sare*)
2. lat. *perversare* (*perversar*) = ficar virando por completo, enfiurecer

trans_

1. lat. *transvertere* = desviar, virar de um lado para o outro, estender-se
+ lat. frequentativo (*-sare*)
2. lat. *transversare* = atravessar

¹ Mestre em Estudos da Tradução pela USP.

_tio

1. versão (lat. *versio*) = mudança, virada
2. versão (lat. *versatio*) = alteração, mutação, virada

_bilis

1. lat. *vertibilis* (versível) = virável, variável, mutável, que pode ser virado
2. lat. *versabilis* (versável) = revirável, girável, meditável, do que pode se versar

_tus

1. vertido (lat. *versutus*) = que se vira, que se verte, versátil, astuto, engenhoso
2. versado (lat. *versatus*) = que se virou, que se versou, experienciado, habilidoso
3. *versus*

1. Do que se versará

*Do que dizemos, pois:
Nossa intenção é tratar (d)a Poesia e (de) seus tipos de poemas...
Averrois, Comentário médio à Poética de Aristóteles*

*de(ntro de) Jerusalém – digo,
dentro dos muros antigos...
Mahmud Darwich, de/em Jerusalém*

1.1. Ponham-se e oponham-se duas ideias: Verso *versus* Universo. Em tanto que presentifiquem *in absentia* multiversos de sentidos diversos já versados, seja sua oposição aqui valorada em tanto que uma mesma ideia alternada ou semantema binário de (UNI)VERSO para duas

versâncias localmente convertidas e controversas: as formas **a)** raiz $\sqrt{-vers-}$, e **b)** morfema {-vers-}. As formas **a)** e **b)** versam por universalidade duas disposições distintas, das quais se versará por *ad-versões* (anti-teses...) ao Poético, advertido (anti-Poético). A bem saber: seja feita uma diversão disto que se versará, que assim se diversem duas versões para as variações em (UNI)VERSO, diversificadamente atravessadas, isto é, irremediavelmente bilateralizadas.

1.2. Antitese um: Que se faça de menos da universalidade tét(r)ica do modo radical em-Um (uni $\sqrt{-vers-}$) por sobre o modo mórfico ({-vers-}), a eterna visão de Verso pela ciência que o versa, em nome do difícil reverso de que Verso versa mais e/ou melhor de que a ciência nele versada, além-Arte. **Antitese dois:** Que a versância mórfica do {-vers-}, sua antiarte anticientífica, obverta a univocidade e monologia do $\sqrt{-vers-}$, sua Ciência da Arte, inconversa e inconvertível. **Antitese três:** Que se divirtam e devertam em tanto que poderes lógicos di-vórticos e que se para-doxalizem em um universo sem Uni-Verso, em poemas sem nem A Poesia nem a *Poética*, nem processo nem procedimento, em *corpus* sem *organon*, cujos efeitos de reversão e adversão enfim se convertam, sem conversão nem convenção, em uma não-relação não-aniquilatória, a bem saber: não **a) por sobre b)**, mas sim **a) adversus b)**, antípodas equíparas inconversos.

2. Do versus

Quebrar o brinquedo
é mais divertido.
As peças são outros jogos:
construiremos outro segredo.
Os cacos são outros reais
antes ocultos pela forma
e o jogo estilhaçado
se multiplica ao infinito
e é mais real que a integridade: mais lúcido.

Mundos frágeis adquiridos
no despedaçamento de um só.
E o saber do real múltiplo
e o sabor dos reais possíveis

e o livre jogo instituído
contra a limitação das coisas
contra a forma anterior do espelho.

E a vertigem das novas formas
multiplicando a consciência
e a consciência que se cria
em jogos múltiplos e lúcidos
até gerar-se totalmente:
no exercício do jogo
esgotando os níveis do ser.

Quebrar o brinquedo ainda
é mais brincar.
Ludismos, Orides Fontela

Vede os crentes de toda crença!
Quem eles odeiam mais?
Aquele que quebra suas tábuas de valores,
o quebrador, o infrator: –
mas este é o criador.
Assim falou Zaratustra, Friedrich Nietzsche
tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho

2.1. A adversância de desconversação (a adversidade do *versus*) para as formas raiz $\sqrt{-vers-}$ e morfema {-vers-} significa dispor de duas ideias do dispor de ideias em-Dois: uma, ideogramática; outra, ideógrafa. Cada uma das quais corresponde à disposição, de um lado, uniposicional, idiótica e idólatra do ideogramático em $\sqrt{-vers-}$ e, do outro, versátil, semiótica e iconoclástica do ideográfico em {-vers-}. Definam-se localmente as ideias em jogo para «ideo-gramático» *versus* «ideo-gráfico».

2.2. Do ideo-grama *vis-à-vis* $\sqrt{-vers-}$, trata-se do direcionar-se ao «ir-ver-se-há...», ao sentido em «*vers-nach-in*», ao «há/não há em...» e ao «à» dada coisa, presente-a-si, auto-evidente, real em que pese seu *Gramma*. Literal, (t)auto-caracterizado, não-figurado, *Gramma* operacionaliza o de-screver, o su-por, o de-por: a causa que calça a ausência da presença da *inventio* e o final desvelamento de dada coisa *dita*-logo-refletida em-*Gramma*, reflexão senão pelo real dos *realia*. *Eidos, morphe, simulacra*

e todo arsenal analítico em Tópicas e Trópicas pró-fantasia científico-artística configuram-se e assim garantem estrategicamente como *summa genera* as fórmulas de conformação de ideias e averbação pelo Verbo em nome do decoro ao Traço original, Semblância intestinal, Identidade pré-proposicional: a p/Presença da p/Presença, que deforma Verso em Universo. Universo é a tecnologia de ponta da raiz $\sqrt{-vers}$ em Um-qua-Um-qua-Múltiplo. Eis, por acarretamento e por acidental necessidade, Verso radicado em $univ\sqrt{-vers}$ o segundo a Verdade, seu justíssimo e ajustado lugar *de jure*: só há Verso (Uni-Verso), que, em-Geral (*universaliter*), é o justo reflexo do ajuste, retificação e decoro de suas tópicas e trópicas *de direito*: o bom-bem torto, o orto-fantástico, o erro catalogado, a divânística *irraisonée* ignorada, outra redefinição da definição em tanto que Definição (cf. Averrois, bem como *Poética-sem-Poema*, e.g. Valéry, Agamben *et al.*).

2.3. Do que ideograma *vis-à-vis* $\sqrt{-vers}$ versa da libido para uma (est)ética de generalização, uniformização, universalização, tal que «*versar*» seja não mais que tratar dados em (se) tratando *de* dados. Eis, afinal, o comentário filosofal como Cura, clareza mental como Fármaco (cf. Avicena, Sidarta Gautama *et al.*). *Horror vacui*, desversatilização, naturalidade do temor à confusão e cultivo do perigo da mistura, ideograma *vis-à-vis* $\sqrt{-vers}$ gramaticaliza hiper-intérpretes, *capazes de abrir uma flor viva para identificar a podridão da raiz no aroma, julgando-te pelas tuas metáforas poéticas e pela tua liberdade de imaginar*². Contanto que se trate de Universo em Verso, haverá que haver ocasião prevista e pronta (mais ou menos oportuna, diferenciante ou repaginada) a Verso, no que Poeta é proprietário de direito da Poesia; Verso, propriedade de fato do Poético, em círculos do circo de definições (t)auto-hetero-(o)posicionantes. Logo Verso é outrora ou outra hora, jamais na tessitura de Universo, *impromptu*, agora. Se assim for, logo idos e jamais retornados serão escritos de *carmina de natura*, não de *natura de carmina*; *articuli*, não artigos. Se Romance como *dispositio* além-Literatura acabou por esfazer experiências não-*default* (re-verter, con-servar, servilizar) e formatar repertórios (co-merciar, re-petir, horizontalizar, orientar) de propriedade em propriedade, de decoro em decoro, de necessidade em

² Da presença da ausência, Mahmud Darwich.

necessidade (o autor no autor, o romance no romance, os dias nos dias), logo Universo como prescrição científico-estatística do Ser-Dado proíbe a potência do Verso como poetização artístico-estilística do Ser-Possível. Universo enraiza em-Terra o uni $\sqrt{-vers}$ -al *qua* Verso em-Conceito ou do Versável em Ciência-e-Arte, como na ideia de reprodutibilidade identitária e discrecionamento proprietário de dada Ciência ou Arte em dado histórico (d)e saberes-práticas que lhe(s) seja(m) próprio(s), proprietário(s), apropriado(s) ou apropriante(s)³.

2.4. Do ideo-grafo *vis-à-vis* {-vers-}, trata-se do encontro entre criador e criatura, da descrição do sonho do ser-segundo-se-sonha, da visão invisível da História em-Anjo, da per-visão do Ovo além-Galinha, do Grafo⁴. Figurado, com ou sem letras, Grafo arrisca *Gramma* ao sobrescrevê-lo em in-scrição, sobre-posição, im-posição: sem peso ou lastro, sem pé nem cabeça, sem chão nem condição, a presença da ausência do que nem se dirá nem se calará, a bem saber: a apresentação sem representação, *real(-)fict(i)o*. Clones, estrofes, metamorfoses, grotescos-arabescos e toda a intransigência e recusa a Con-formes Re-tornados são anticonceitos de deriva e derivação que inadmitem Tópicas e suas filhas, Utopias. São Atopia, em primeira e última desistência à In-stância, à In-strução, e a seus econversos perversos – De-strução, Ex-strutura. {-Vers-} é a promessa ideográfica que talvez avance, retorne e (a)guarde (pel)a ideia de Ideográfico, o que necessita (d)a neo-neo-barbárie de {-vers-}. Que a a-topia do {-vers-} é uma ideia de sentir-se estranho:

³ Como automentário, adversifique-se a refutação da *l'êtrité de l'être*, que atravessa os cadernos e cartas de Antonin Artaud, *versus* o Decoro de Continência, Contenção e Contentamento entre Verso-Mídia-Sentido *vis-à-vis* Coração-Expressão-Plataforma na pessoa lógico-anímica do Sujeito Lírico, operação reduzida em-Verso, por exemplo, na canção *Tune Thy Musicke to Thy Hart*, de Thomas Campion.

⁴ Refiro-me, a bem saber, por recitação direta e indireta, ao fim do capítulo IV, de *Da presença da ausência*, de Mahmud Darwich; às *Teses sobre o conceito de História*, de Walter Benjamin, e ao conto "O ovo e a galinha", de Clarice Lispector.

A VANGUARDA

por Cecilia Pavón

tradução de Clarisse Lyra e Mariana Ruggieri

Tenho um milhão de poemas para repassar
(além de um beijo na casa do sonho)
Não sei se existe a vanguarda,
mas o futuro é um beijo na casa do sonho.
Para escrever um poema é preciso sentir-se estranha.
Não sei se existe a vanguarda, mas agora estou
Escrevendo um poema em uma praça e sou feliz
(neste mundo de inimigos).
A vanguarda é ser feliz neste mundo de inimigos.
A vanguarda é a alma que viaja
desde muitos séculos atrás.
Me olho escrever e penso que minha letra manuscrita forma uma ânfora

um recipiente,
uma ânfora de barro
em outra dimensão.

2.5. Sentir-se estranho converte-se em (est)ética pelo *in barbara*, da atopia de *Allos* sem *Autos* que o aterre; barbar-izar, como-sempre-de-novo, *outr-ement*, por herdar heranças imprecidadas, sem qualquer testamento. Trata-se de ser e do Ser per-Vers-ado sem ideia de Universo, ser per{-vers-}o sem ser per $\sqrt{-vers}$ -o, isto é, sem o Ser nem ser das raízes do uni- $\sqrt{-vers}$ -al. Talvez a moral do Universo, isto é, seu Caráter Característico-Corforme-Concêntrico, por se ter assentado em uma Geometria e uma Aritmética dos Seres com altíssimo rendimento categorial e pre-visão real (onto-logia...), não teria se tornado mais que preguiça estilística, invencível senão em-Verso, que não é Ser, mas passou ao Ser (ao ser con)vertido e (con)versado em/de/para/com-Universo.

2.6. Que assim seja a oposição inconversa dos aqui definidos por imposição «ideo-gramático» *versus* «ideo-gráfico». A adversidade do *versus* não coincide com a deferência à diferença «prosa *versus* verso», mas com a autoridade da diferença que paradoxaliza e indefere o que *pode-ser-não-sendo*. O poder-ser-não-sendo, sem para-doxo nem

re-citação, indefere por estar (a)fora de qualquer espaço-tempo que o contenha ou difira, de qualquer definição que o termine, de qualquer categorização que o transvalore. Trata-se de *im*-poder, de *im*-possibilitar *im*-possíveis (Artaud, Deleuze, Hijikata). Eis, portanto, a impropriedade do anticonceito de Antipoético, vertido da relação de propriedade de Verso para Poético: a autoridade desta relação, no entanto, vai desautorizada, contanto que Verso não tem capacidades *em* Universo, senão *de* Universo.

2.7. Diante de Verso, não haverá propriedade na propriedade, apropriação na apropriação, uni $\sqrt{-vers}$ -al no {*vers*-}o: versatilidade é conversância sem identidade da identidade de Uno-em-Verso (sua mútua ou inter-conversão) e de seu reverso multiplicadamente universal, o multi-verso (o Um do {*uni*-} e d«o» {*multi*-}, sua convergência entre pares...). O ideogramático jamais apre(e)nderá que, de dado ponto descentrado de-Universo, advenham em-Verso marianos a versar rumo à satisfação que reverta o que Universo fez de Verso. Da impropriedade do lugar, da presença da ausência ou da ausência da ausência que arrase a Terra de suas discrições e descrições tópicas e típicas (a Origem da Origem, a Casa da Casa), que as desenraíze e as desole de seus fundamentos que plataformizam seriações de contrários mutuamente autoidênticos e desnecessários (o Exílio do Exílio), versa-se, enfim, em:

NATURA ET ARS
por Adília Lopes

Uma floresta é um labirinto?
um deserto pode ser *rocaille*?
a vida é um romance?
o mundo é um palco?
um florete é uma flor?
uma serpentina é uma serpente?

Imagino o fim da Terra assim
todas as casas e todas as ruas
desaparecem
assim como todas as pessoas
graças a um cataclismo
sobrevivem apenas os telefones

as baratas e as listas dos telefones
marcianos nos dias a seguir
tentam interpretar a lista dos telefones
os marcianos não estabelecem uma relação
entre os telefones e a lista dos telefones
mas entre a lista dos telefones e as baratas
e essa relação é plenamente satisfatória.

3. Do Universo

*make us
apart from
this universe
of solutions, this location
of solutions
anti-family, anti-björk*

*o Universo
– boto, bruto, bronco –
sitia-nos.
Estrelas negras, Primo Levi*

*Credo quod diabolus est in illis poetis. Ipsi
destruunt omnes universitates. Et audiui ab
uno Antique Magistro lipsensi qui fuit magister
XXXVI annorum, et dixit mihi, quando ipse
fuisset iuvenis, tunc illa universitas bene
stetisset, quia in XX miliaribus nullus poeta
fuisset.*

*Ergo debemus deum orare quod moriantur
omnes poetae.*

*Epistola XLVI, Magister Cunradus Unckebugk
Epistolae Obscurorum Virorum*

*o São inveja a febre de quem arde
Provérbio árabe*

3.1. Universo que, de Verso, versa de/em/por-Visão (*naẓar, theoria*) serve a Exílio. *Se olhares para trás, só verás / o exílio de teu olhar para trás*⁵. Ao situar Verso por re-visá-lo, Universo sitia Verso por pré-Visão. Universo isomeriza Verso em sua atomicidade $uni\sqrt{-vers}=al$; solidifica e soluciona o que amb-ula pelo Verso em nome de dever-devir Universo. Universo, por conversão e conversação, con-sula Verso, a quem passa a representar, *in absentia*, com as melhores das intenções (*de, in, fī...*).

3.2. Assina-se a Angelica Kauffman de 1782 o quadro *Allegory of Poetry and Music*. Duas mulheres investidas de antigos vestidos e revestidas de conceitos enrustidos sentam-se juntas: à direita, Lira e Louros; à esquerda, tabuleta e caneta. Uma parece sussurrar aos ouvidos da outra. Os olhos da Poesia encaram o centro da Visão fixamente. Seus olhos veem pausadamente o Pouso do Olhar; em sua boca, um *quasi*-sorriso. O círculo que enquadra Poesia e Música é o desrespeito do respeito ao Centro: o Centro supervisiona, ainda que levemente deslocados à esquerda, o bom arranjo dos elementos visados, deferencialmente diferidos, irresistíveis ao êxtase da *stasis* do *status* de bem Vistos e Quistos. Irresistíveis, já que existentes, já que estando-Aí, universalmente e para sempre visíveis, realizados em-Visão. A continência da delimitação, a nitidez das figuras e a imobilidade da fotoficção servem à pré-Visão de Universo a Verso. Pedir vista à Visão é o crime de estado à burocracia do Juízo do Panóptico teórico: afinal, não há que haver pintura sem olhos, poeta sem *Logos* e músico sem ouvidos, o que obedece à lei visionária do Corpo com Órgãos, do *Corpus* com Cosmos e do $uni\sqrt{-vers}=al$ em-Univero. *Dichterin (Mystischer Kopf)* de 1917 de Alexej von Jawlensky, ainda que se servindo de paletas e pinceladas não-academicistas, justamente em tanto que figurando Poeta, serve por corolário à tecnologia óptica e ético-característica de *Allegory of Poetry and Music*.

3.3. Como refutação pictórica à *Alegoria da Poesia e Música*, sejam os quadros de Robert Motherwell de 1947 *The Poet* e a sequência de poemas visuais *Poema nº...* dos anos de 1950 de Onchi Koshiro. Não em-Univero senão em-Verso é que Poeta e Poema, assim como Anjo

⁵ Verso do poema "Faltava-nos um presente", de Mahmud Darwich, do livro *Leito da forasteira*.

e Ovo, manifestam-se: a antimatéria dos quadros é o imaterial (do) Antipoético ou a recisão do acordo irrevogável de Universo por sobre Verso, a conceptualização do conceito. Isto também serve à diplopia de Francesc d'Assís Galí ou de São Francisco de Assis em *Fransesc d'Assís* (1975) via *Càntic del Sol* (1975) de Joan Miró, cuja analogia com *O Poeta* de Motherwell impossibilita em suspenso a Visão-em-Um em-Universo de figuras antropogramaticalizadas segundo suas orto-descrições comunalizantes de nitidez, retidão e bom senso. Ainda em corolário *in barbara* ao quadro de Motherwell, a *Desert Moon* de 1955 de Lee Krasner bloqueia o nexu Uni-versal do servir-a-Figurar em-Figuração: a visão das figuras temáticas vai gravemente desfigurada, a menos dos títulos que as repõem em força de re-visão por de-posição ao que o Nome-da-Coisa de-signasse. Como extensão deste corolário *in barbara* bem serviria o *Retrato de um Filósofo* (1915) de Liubov Popova: a rostidade do rosto, e todas as sequências e consequências epistêmico-categorial-autorais daí, estão gravemente desfiguradas, sendo o esforço *ex machina* de uni-versalização o que repõe Disposição à Indisponibilidade do Rosto, da Revista e da geometria de Faces à *masquerade* antro-po-filosofante, por derivação, tematização, doação ou destinação do Id-em-Identidade, do s/Si-em-s/Si.

3.4. *Aesthesis* de *stasis*, trigonometria de quadrados de enquadro e economia quadrática de enquadramento servem ao êxtase do Terror da Visão à doação ao Visível. Que Verso, assim como Som, vem *sem* exílio de Universo, *ex nihilo*, *Nonada*: são as obras inoperantes de Jin-Hi Kim, Keiji Haino, Min Xiao-Fen, Sainkho Namtchylak e Unsuk Chin. Que Verso e Som advêm sem Poesia e sem Música, sem proporções nem relações, sem escatologia nem soteriologia, sem harmonia nem pedagogia, cegos e surdos e inconscientes ao que os causa vida, manutenção e morte, ausentes do Si das propriedades em Descrição e em Definição. Se Ciência prevê Arte que a ela se subordina em Estudo e Teoria, Arte pré-vem à Ciência anterior à Lógica que a elas (digo, *Ciência*, em geral; *Lógica*, em particular) doa Corpo e Órgão: Arte não é Arte sem Ciência (princípio de pseudo-necessidade da Visão-em-Ciência), Ciência não é Ciência sem Arte (apontamento ao consulado do Cientista-à-Ciência-à-Arte, vampirismo tratadístico ou exploração científica da mais-valia artística – *exílio*). O pintar da Poesia e Música é o não-pintar da Poesia e Música,

nem ocultas atrás de Si nem ausentes na sua própria presença: na Visão da Poesia e da Música jamais houve Poesia nem Música, isto é, em-Poesia e/ou em-Música, senão pura e simplesmente Teoria, Vontade de Saber e Poder, Controle, Cálculo, Memória e Expectância. Não foi, *em tese*, nem por querer, nem por ver (teorizar), nem por esperar (querer-ver) que a singularidade original de Nô ou Butô pode indiscriminadamente Poesia e Música mais Cena e Dança agenciar: foi, *em lenda*, de indivíduos furiosos por cerejeiras ou trevas a dançar. Mas é a Visão-de-Nô ou de-Butô que e(x)ternaliza e ex-tende em-Identidade Nô e Butô de-Si, tradicionaliza-os, causa-os e calça-os na Previsão do Exílio em-Si. O que seriam eles sem Exílio, isto é, sem a distância infinitesimalmente aproximante e tangencial «d»o tratá-los *qua* tratá-«los»? Nem seriam, nem foram, nem serão em-Ser; nem nasceriam de Princípios, nem se engendrariam nem em formas nem em conteúdos, nem continuariam em-Tradição, nem viveriam vidas, nem obrariam nem boas nem más obras, nem modelariam exemplos, nem engendrariam gêneros, nem morreriam em-Fim.

3.5. Universo segue por engavetamento e acachapamento de Verso, isto é, acarretamento Lógico. Seu princípio de continência é o que a mãe de Marquesa de Sade, Madame de Montreuil, instrui à própria filha, a Marquesa de Sade, da situação de Verso: *Põem-se coisas diferentes em gavetas diferentes, pois têm naturezas diferentes. Não há o que discutir. Tomarei maior cuidado com terremotos e trancarei todas as gavetas. A menos disto, recite-se isto: (À poesia) Sítia teu sítio*⁶.

3.6. Universo que versa na e da Visão de Verso serve Si-*qua*-Outro. Narcísico, Universo é esoteria autoafetiva pseudo-secretiva com efeitos de superfície homo-hetero-afetivos (cf. as exoterias da Conversação, da Conversão e da Convenção, cujo segredo não é senão a perversão de Verso em-{Co-}). Universo ama-odeia a si em (t)auto-hapticidade, ama-odeia sua própria homo-hetero-afetividade, sem, no entanto, admitir, temente à caosmose, que *tudo que há em ti / de Narciso / te deseja / não havendo cerca acerca de ti / que te proteja / da noite de tua obsessão infinita*⁷. O

⁶ Recito os fragmentos citados, respectivamente, de *Marquesa de Sade*, de Yukio Mishima e do longo poema "Estado de sítio", de Mahmud Darwich.

⁷ Versos do poema "Damasceno colar da pomba", de Mahmud Darwich, também de *Leito da forasteira*.

vislumbre de Visão é chão, vão e separação visionárias (suas t(r)ópicas inclusas, e.g. Pátria, Mátria, Retorno, Pertença, Gênero, Naturalidade, Molde, Dever, Caber etc.), as quais Visão visa neuroticamente sem re- ou dis-solver sua auto-imolada fenda e o melado do drama que dela decorre: *olha / para trás, que sonho encontrarás, vai / a qualquer este ou oeste que mais te vão me exilar, / que mais um passo do leito me vão afastar, / e dos meus tristes céus*⁸. Talvez seja a Visão o anfiteatro tragicômico em que as peças do jogo de improvisação se mascarem da certeza providencial e radical de que, por princípios acústicos e óticos *proprissime, naturalissime*, de-Verdade, por ultimato instrumentalizados (tecnologia...), a causa-efeito da Visão poderá suturar natural e eventualmente a fenda casuística que o justo vislumbre da Visão não cessa de abrir: o vidente do visto, o real do fantasmal, o dado do ficto. Visão em Universo converte-se radical e profundamente em Alucinação universal, inconsciência na e da ciência da Ciência (*con-scientia*) de sua própria acidentalidade e de sua imprópria necessidade.

3.7. Em iluminura ao *Hortus Deliciarum* (ca. 1180), de Herrad de Landsberg, abadessa de Hohenburg, encontra-se o *néctar das várias flores colhidas das Escrituras Sagradas e das obras filosóficas*. A Filosofia, rainha e regimento, fica no centro. Ela vai coroada de três cabeças: *ethica, logica* e *physica*. Abaixo dela, sentam-se Platão e Sócrates, que escrevem, um diante do outro. Do círculo da Filosofia, decorrem sete câmaras circulares, dispostas em simetria ao seu redor. Estas são as Sete Artes Liberais, inspiradas pelo Espírito Santo: Gramática, Retórica, Dialética, Música, Aritmética, Geometria e Astronomia. Abaixo do centro, na parte inferior da iluminura, há quatro homens sentados em mesas: são os Poetas ou Mágicos, fora dos limites da figura, além do regimento da Filosofia. Segundo o texto, eles são orientados e ensinados por espíritos impuros, produzindo meras fábulas, sofismas, poesia frívola ou feitiços mágicos. Criaturas aladas obscuras (representação *default* do demônio) e não pombas brancas (Espírito Santo) de seus ombros sussurram-lhes aos ouvidos. E iluminura afora, ou seja, fora do reino de *Universalía* – para

⁸ Versos do poema “Esperei ninguém”, de Mahmud Darwich, também de *Leito da forasteira*.

além do domínio radicado em sua figuração racional (isto é, enraizada, filial, nacional) – dos céus choverão línguas de fogo e das torres de astros serão lançados em-Queda anjos-demônios do Céu da Babilônia de Versilalia. E mais além ainda, no Extremo Oriente do Verbo, cavaleiros mas poetas em-Flor ainda haveria, da trindade cavalaria-poesia-galanteria que os engendraria.

3.8. Universo que versa na e da Visão de Verso serve (a) Exílio, isto é, (à) Eterna Cisão positivo-negativa Cosmos-Caos, vislumbre da Luz temente ao Escuro, esperança da Razão e de sua irmã siamesa Loucura pela separação que as matará ambas, em potência e ato, na própria feitura de sua terapêutica diferença, alternas eternas de suas seções retas e teorizações paralelas que as condenam a se uni-versarizar mutuamente. Universo sem {uni-} é, por força de definição, *sem* Aristóteles, *sem* Averrois, *sem* Comentário: sem {syn-} nem {cis-} para os temas e para os últimos frangalhos diminutos de suas ciências e artes aos pedaços, por usura de escopo, impertinência da pertença, vício de (re)citação e abuso de definição (*Analíticos, Lógicas, Poética*).

3.9. Em dado solo, isto é, *topos*, Universo doxografa Verso, Verso cujas raízes se exilam do solo do Exílio, afinal intransplantáveis; fibras de coração cujo peito não rejeita, não havendo que haver coração no peito, peito no peito, nem coração no Coração. Que a Verso, enfim, não há que haver nem raiz uni- $\sqrt{-vers}$ -al, nem anatomia normal, nem cartografia passional-sentimental a fundamentá-lo, solidificá-lo, organizá-lo. Universo exila Verso, *donc fait bien rangé*, no justo amor francamente moderno por *petites choses* (Arendt), versado no contentamento decadentista pelo confinamento modernista ao cenário dentre quatro paredes, entre cama e armário, mesa e poltrona, cão e gato, vaso de flor. Real e sentimental, bem quisto e bem visto, trata-se da tópica típica do (con)versar do canto humano, das indústrias (e) dos dias, dos anos mundanos, das comunidades e das identidades. Universo encaixa Verso bem justamente contra a prosa das etiologias épico-messiânicas da metafísica da Ida em Vinda, idílios de Retorno e mentira Prometida (Byung-Chul Han). Auto- e hétero-exílio, familiaridade e barbaridade, matricialização de pátria e mátria e sua perdição administrada são tauto(u)topias que homo-geneizam e en-gendram Verso em Universo.

Mas a isto recite-se disto:

*canto meu precisa tomar ar:
trova não é trovar,
nem prosa, prosear⁹.*

4. Do Verso

*As mães não querem mais filhos poetas.
A esterilidade dos poemas.
A vida velha que vivemos.
Os homens que nos esperam sem versos.
O amor que não chega.
As horas que não dormimos.
A ilusão que não temos.
As mães não querem mais filhos poetas.
Deram o grito desesperado das mães do mundo.
XIX, Presságio, Hilda Hilst*

*bem cientes das gentes, do amor, são os menos prudentes –
que assim, não para se iluminar, você tem que queimar,
que a noite de Buṭaynah assim se possa alumiar...
Jamīl-Buṭaynah e eu, Mahmud Darwich*

*nada me é mais remoto que minha língua de príncipes
de Damasco. sou o Primeiro dos perdedores. sou o
Último dos sonhadores, servo do Remoto. sou a
criatura incriada; sou ideia a Verso
sem chão, sem corpo
sem pai, nem filho
uma máscara... a Majnūn Leila, Mahmud Darwich*

4.1. Mas vem de Verso o impoder em in-édito de banimento, a desterrar (ex-sulare) Universo de seu próprio solo, que o assola. In-édito que (a)funda Universo, in-édito que dissolve a identidade do Exílio a Verso

⁹ Versos do poema "Soneto I", de Mahmud Darwich, também de *Leito da forasteira*.

a Verso-em-Universo. Do Verso que *à língua superou a identidade, à língua se vingou / da Ausência*¹⁰, convém catalogar suas impropriedades impossíveis, quais sejam: **i)** ausência de originação, direção e destinação, o que desola do Universo toda teorização; **ii)** altos índices de difração, efeito caracterizadamente mais *poiético* que o Princípio de Racionamento do Raciocínio, e **iii)** não-extensividade, o que, como provérbios e máximas, abrevia com plenitude e fulminação o próprio Princípio de Brevidade e Simplicidade da prosa de Universo (*tois psilois logos*). *Impossibilia* de Verso possibilitam, a uma só vez, a impossibilidade de sua não-relação a Universo e a possibilidade de ser, realmente, impossível, logo, por contradefinição não-contraditória, não-ser-Ser, não-ser-Assim, não-ser-Com, não-ser-Segundo etc.

4.2. Sejam, então, elencadas em-Verso suas impropriedades impossíveis impossibilitadas senão em-Verso.

4.3. A impropriedade **i)** é impossibilitada desde:

de Guillaume IX de Poitiers

<i>Farai un vers de dreyt nien</i>	<i>Farei um verso bem justo do nada:</i>
<i>Non er de mi ni d'autra gen,</i>	<i>Não em primeira pessoa nem outra categoria</i>
<i>Non er d'amor ni de joven,</i>	<i>Nem de amores nem de cavalaria</i>
<i>Ni de ren au,</i>	<i>De nada outro versaria</i>
<i>Qu'enans fo trobatz en durmen</i>	<i>Que me encontrou enquanto dormia</i>
<i>Sobre chevau.</i>	<i>Em cima da montaria</i>

<i>No sai en quai hora'm fuy natz:</i>	<i>Não sei em que hora nasci</i>
<i>No suy alegres ni iratz,</i>	<i>Nunca me alegrei nem me enraivesci</i>
<i>No suy estrayns ni sui privat,</i>	<i>Não sou exilado nem naturalizado</i>
<i>Ni no'n puesc au,</i>	<i>Nem posso ser mudado:</i>
<i>Qu'enaissi fuy de nueitz fadat,</i>	<i>Que fui em noite fadada arrebatado</i>
<i>Sobr' un pueg au.</i>	<i>Em cima dum monte escarpado.</i>

<i>No sai qu'ora'm suy endurmitz</i>	<i>Não sei que se estou dormindo</i>
<i>Ni quora'm velh, s'om no m'o ditz.</i>	<i>Ou acordado, a menos se informado</i>
<i>Per pauc no m'es lo cor partitz</i>	<i>Por pouco meu coração não foi partido</i>

¹⁰ Do poema dedicado a Salim Barakat, "O curdo de seu só tem o Vento", de Mahmud Darwish, do livro *Não te desculpes pelos teus feitos*.

<i>D'un dol corau;</i>	<i>De uma dor mortal</i>
<i>E no m'o pretz una soritz</i>	<i>E nada me vale um rato</i>
<i>Pei sanh Marsau!</i>	<i>Por São Marcial!</i>

<i>Malautz suy e cre mi murir,</i>	<i>Ando mal e pareço morrendo</i>
<i>E ren no'n sai mas quan n'aug dir:</i>	<i>E disse nada sei senão do que vão dizendo:</i>
<i>Metge querrai al mieu albir,</i>	<i>Chamarei médicos ao meu bel-prazer</i>
<i>E no sai cau;</i>	<i>Sem saber qual deles escolher</i>
<i>Bos metges er si'm pot guérir,</i>	<i>Bom médico é se me curar</i>
<i>Mas non, si amau.</i>	<i>Mau, senão, se piorar</i>

<i>Amigu' ai ieu, no sai qui s'es,</i>	<i>Tive amiga minha, minha desconhecida,</i>
<i>u'anc non la vi, si m'ajut fes;</i>	<i>Que de minha parte nunca vi na vida,</i>
<i>Ni'm fes que'm plassa ni que'm pes</i>	<i>Nunca me fez nada de agrado nem de pesado</i>
<i>Ni no m'en eau,</i>	<i>Nem eu teria ligado</i>
<i>Qu'anc non ac Norman ni Frances</i>	<i>Que nem mulher normânia nem franca</i>
<i>Dins mon ostau.</i>	<i>deixo dormir à minha anca</i>

<i>Anc non la vi et am la fort,</i>	<i>Nunca vista mas tão amada</i>
<i>Anc no n'aic dreyt ni no'm fes tort;</i>	<i>Nunca me fez bem nem mal de nada</i>
<i>Quan non la vey, be m'en déport,</i>	<i>Sem vê-la, fico bem sem ela,</i>
<i>No'm pretz un jau,</i>	<i>Esquecê-la</i>
<i>Qu'ien sai gensor e bellazor,</i>	<i>Sei de outra melhor acabada</i>
<i>E que mais vau.</i>	<i>E melhor que ela.</i>

<i>Fag'ai lo vers, no say de cuy;</i>	<i>Foi-me feito verso, não sei de quem</i>
<i>E trametrai lo a selhuy</i>	<i>E o mandarei a alguém</i>
<i>Que lo'm trametra per autruy</i>	<i>Que o mandará a alguém</i>
<i>Lay ves Anjau,</i>	<i>Lá em Anju</i>
<i>Que'm tramezes del sieu estuy</i>	<i>Que com a contrachave revém</i>
<i>La contraclau.</i>	<i>Até tu.</i>

4.4. A impropriedade ii) é impossibilitada desde:

de Robert Herrick

Delight in Disorder *Deleite em Desordem*

<i>A sweet disorder in the dress</i>	<i>Doce desordem no vestido</i>
<i>Kindles in clothes a wantonness</i>	<i>atixa nas vestes um capricho</i>
<i>A lawn about the shoulders thrown</i>	<i>Xale aos ombros revestindo</i>
<i>Into a fine distraction;</i>	<i>De loucura investindo;</i>
<i>An erring lace, which here and there</i>	<i>Renda errando; nisto, naquilo</i>
<i>Enthralls the crimson stomacher;</i>	<i>encantando carmim peitilho</i>
<i>A cuff neglectful, and thereby</i>	<i>Ignoto manguito, cá e acolá</i>
<i>Ribands to flow confusedly;</i>	<i>laços confusos a tremular;</i>
<i>A winning wave, deserving note,</i>	<i>Onda vencida, nota merecida</i>
<i>In the tempestuous petticoat;</i>	<i>na anágua enfurecida.</i>
<i>A careless shoe-string, in whose tie</i>	<i>Descuido de cadarço, em cujo laço</i>
<i>I see a wild civility:</i>	<i>vejo urbana barbárie</i>
<i>Do more bewitch me, than when art</i>	<i>Que mais me encanta, que quando Arte</i>
<i>Is too precise in every part</i>	<i>é tão precisa por toda parte</i>

4.5. A impropriedade iii) é impossibilitada desde antiteses Outras: Que o agenciamento categorial do vocabulário greco-latino de Ciências e Artes em, por exemplo, Shakespeare, abrevia (*ensina mais que...*) as obras completas de Aristóteles sem a técnica do comentário iluminador-esclarecedor e didático-explicativo (*Comentário breve, médio, longo, Tratados ou Discursos de...*). Que o breve capítulo do causo de G.H. experimentar na língua a Barata morta no armário em *A Paixão Segundo G.H.* introduz, conduz, reduz e encerra, isto é, é mais e-loquente ou diz *mais* a menos de toda a longa exposição da Questão Animal e do *downgrade* de classe ontológica anti-humanista pós-estruturalista (Deleuze-Guattari, Derrida, Preciado, Haraway), a que por corolário *Água viva* bem serviria e Stela do Patrocínio por extensões máximo-axiomáticas se doaria. Que Verso é o Último arquivo à Língua, sentida e sensível em sua maximalidade, não internada no usuário, mas externada em usos em-Divã (Do *diwan vis-à-vis šīr*). Que Verso prova ou desprova a verdade da falsidade auditada nos ditos e escritos de filósofos (Irmãos da Pureza); que um mesmo Verso varia em prosa ou verso motivos diversos (Ibn-Qutayba,

Alnuwayri, Al'isfahani et al.); Verso repete, em suma, o Sentido de uma sutra, isto é, uni-versaliza-a (*Lankavatara Sutra* e outras *Karika*); Verso é a lógica do sentido dos antigos (*Utagaruta*).

4.6. Dados os *impossibilia*, portanto, e *non-universaliter*, um Verso-Verso, isto é, um Verso-em-Verso, Verso-realmente-Verso ou Verso-não-Universo servirá, enfim, transversalidade. No entanto, se Verso é mais conciso, preciso e mais providencial, mais doador de matéria e relação via o *Logos* em sua máxima capacidade tática (lógica...), isto é, se é mais *versátil*, então por que não seria Universo aquilo-que-segue-Verso, por que não seria Verso *além*-Universo, nem *meta*-, nem *peri*-, nem para-(o-)Universal? Por que não seria Verso *Dominatrix et Matrix Scientiarum et Artium*, o impróprio ab-strato do *Logos qua* Universo *qua* Substrato, antecedido meristemático do Texto em linha reta ou torta: no caso, Universo *qua* caso casual e causado de Verso, Universal definido porque definhado da impotência impossível exo-gramaticalizada do curso do discurso de/em-Verso?

4.7. Verso supera em forma o Uno do Uni-verso, devindo Verso *qua* Um-Verso: (ir)radiação *contra* radiciação. Não se trata de vituperar o Uno e louvar o Múltiplo ambos *a priori* por libido de Múltiplo e horror ao Uno (e.g. filósofos da Diferença, diletantes de variedades e detratores de Obras), mas trata-se de delinear um princípio de dois Unos, de qualidades diversas a menos de seus valores aritméticos: um Uno que, por radiação, mutaciona a geratividade da radicalização do Uno (isto é, sua contração um-em-Um); outro Uno, Uni-versal, que sobrevive dos sis-temas de causa, diferença e co-presença, para assim enraizar Um-em-Um, Uno-*contra*-Múltiplo etc. Verso, ou melhor, Um-Verso é a suprema eficácia anti-Universal e antipoética sem previsão tecnoepistêmica, sem o Um-*qua*-Um (nem o *uni*- do uni-versal, nem o multi- do múltiplo). Um-Verso está fora da validação e da validade de Universo, podendo dele apropriar-se sem tempo, nem espaço, sem ocasião, nem mesmo categoria (e.g. da quantidade, da qualidade e da própria relação adversativa de Um-Verso *adversus* Universo).

4.8. Para dos lexemas e/ou dos efeitos discursivos de Universo e de *universalia* rumar a Um-Verso, reinicializar Nomes-de-Autor como *Carmina Burana*, Santíssima Trindade Tiantai, Shakespeare, Ibn Gabirol, Abu Nuwas, Sade, Cavafy, Lispector, Borges, Oulipo, ou até mesmo as disposições

criativas anônimas e anômalas (re-pertórios ex-perimentais...) a que se adscrevem rótulos de agudeza, engenho, *barroque n'roll*, *variationes*, *badī*^c, *takalluf*, 風流, *fūryū* etc. A pesquisa vale igualmente a Versores que versavam por desorientadas direções e circunflexos ângulos, seus ([d]e)feitos de fábrica texto-tessitural perfeitos, justo pela dimensão temática deformada de seus (im)próprios estilos de (não-)discussão (e.g. Artaud, Negarestani, Sloterdijk, Sontag, Waddell).

4.9. Tal versância de In-versão de Um-Verso equivale em versatilidade e transversalidade a experimentos de atopização de Universo in-verso em Um-Verso. Trata-se, por exemplo, de deslocar Walter Benjamin de *Armas e munições* ao domínio de poetas alemães de direito (cf. Bianca Gonçalves em *Passaporte em casa* do Goethe-Institut São Paulo); de ler indiferencial e achadamente Lispector *qua* Heidegger, *qua* Kafka, seja em cursos de Filosofia Contemporânea, seja de Literatura Alemã (autora-pensadora transversátil, segundo mal entendo as considerações clariceanas de Kuniichi Uno e Hélène Cixous); de *Esse Cabelo* ser ensaio de Montaigne, não romance de Djaimilia Pereira de Almeida; de versar versos *em* ou *de* ou *fora de* Universo (e.g. Parmênides, *Carmina Aurea*, a cássida de Avicena; poemas de Nietzsche, de Arendt, de Laruelle; *Cadernos Negros*, de Heidegger; a tratadística lispectórica), dentre outras antilogias que arriscam, extra-vazam, ana-cronizam, con-fundem logo fundam, implexam logo pervertem Universo de sua matéria bruta e prima:

prosa versante de...

5. Apêndice

Évidemment, de l'art des deux cents prochains siècles, il faut parler comme d'un art qui n'aura pas eu lieu, non par impuissance mais parce que le futur radical sera la règle universelle qui lui donnera sa cohérence. L'Art futur est une uchronie performative. [...]

L'Art futur produit une œuvre qui n'aura pas eu lieu en vue de transformer une œuvre qui pourrait être produite même dans l'avenir.

L'artiste futur: D'un art qui n'aura pas eu lieu, *François Laruelle*

*Hoxe veño da Illa da Poesía, e no meu traxecto comprobei
como se devastou a dignidade humana.*

Só a Poesía nos pode sacar dos infernos que a intelixencia crea.

Existe o que nunca sucede / e está acendido / nas nosas formas.

*Ás veces penso que o Universo tivo que soñarse antes de existir;
esse paradoxo é a creación.*

A Poesía é a liberdade máxima do Universo.

Toda teoría ou clasificación sobre poesía estrélase contra a mesma poesía.

Transformar a linguaxe alí onde o medo colle forma de poder.

Sempre coa chuvia o sol fai um tecido extraño que nos pon sobre dos ombros.

Viaxe á illa das mulleres loucas, Alfonso Pexegueiro

5.1. Dado haver Versantes a Universo protestantes em-Verso, sem estético nem ético ao Po-ético; dado haver Versantes que fossem universos que de tudo versaria sem diferença nem categoria, logo haveria impossíveis anti-ciências ou anti-artes em potência antologizadas por antinomia e antimatéria. Haveria Versos sem a perversão de Uni-Verso, pervertendo o *planctus* realista-naturalista ao cortejar e efetivar, como em *Senão Luz, mais nada* de Mahmud Darwich, o *faltar / ciência / à diferença / entre viajante e via – a diferença / entre cantor e cantoria*. Anti-artes anticientíficas em-Verso, sem extração nem gênese (*ex nihilo, a-tópicas*), feitas de Ciências e Artes em Universo possibilitam-se impossivelmente em tanto que maus-tratos do sentido do bom senso do Sentido (cf. *Maus-tratos significativos* de Hiromi Ito), de explorar dada coisa em tanto que matéria bruta versante, isto é, traída de toda e qualquer universalidade que a abstraia. Talvez, então, e ao contrário do que se disse anteriormente, trata-se, afinal, de não quebrar, não infringir, não transgredir, que ou haver ou não-haver *quê no quê* talvez fossem irrelevantes: não se trata *de*, nem se trata *tout court*, não se *agit*, não se mexe, não se verte, não se reverte, não se *trata*, não se, não *senão*, não *não* etc.

5.2. Consequências inconsequentes desta irrealização artístico-científica (Anticiências, antiartes, anti...) seriam, por exemplo, Não-Botânica, Não-Performance, Não-Jazz ou Não-Comentário, do que metanarrativas de sistema de diferenças humano-animal-vegetal-mineral (rebatidas em protesto por Emanuele Coccia e Michael Marder), de não-sistema da não-per-sistência da Ação (rebatidas em humor ou terror por Kate Berlant, Tatsumi Hijikata, Shuji Terayama *et al.*), de re-missão por traço de repetição ao Jazz Novo/Livre em Jazz (rebatidas em irreprodutibilidade antitécnica por Otomo Yoshihide, Peter Kowald *et al.*) ou da sinceridade ingênua do pro-sear-de (rebatidas em anticomentário por Almaarri, Alshirbini *et al.*) são fina e finalmente ex-propriadadas do Si-do-Si, sem re-posição ou resposta u- ou orto-tópica de *topoi*, mais ou menos formalizantes, mais ou menos negativados, mais ou menos esvaziados, exilados de suas imagens práticas e operações conceptualizantes, auto/hétero-orientadas, *in presentia absentiae*, inclusive desde os próprios rebatimentos. Não se trata mais da identidade seja de Artista, seja de Cientista em função de sua Álgebra prático-teórica, mas de um antiente antiôntico impossível e antitético a Universo: nem Poeta, nem Cientista da Poesia; nem ator, nem diretor; nem planta, nem jardineiro, mas Versores, in-capazes senão de *designs* antissemióticos *in barbara*, desorientados senão em-Verso, em-Versar e em-Trans-versar: a bem saber: dobrar, redobrar, desdobrar, transbordar.

5.3. Uma tipologia Vers-átil através-além (*trans...*) da Visão-Universo (im)possibilita-se, enfim, imprópria e antiteticamente. Universo opera (pel)a efetuação do *re-al*, do maquetismo cognitivo, do vislumbre cenográfico, da feitura do efeito-Mundo. Da disposição *re-al*-ista da Filosofia Natural, sua técnica da ceno-grafia lógica de *Mise-en-Scène* categorial, deriva-se o Romance (as coisas nas palavras), o Jornal (os dias nas palavras), a Crônica (os dias nos dias), a Coluna (hora no agora), rumo ao Real cada vez mais categórico e categorial em-Pessoa, a Tempo, bem colocado (espacialização categorial) e bem dito (definição foto-ótica). Os gêneros da Ordem-do-Dia, os Sujeito (não-)líricos, a logorreia do ativista, as escritas do Isto-Assim-Aí-Agora, o escriturário e escritório do Si *qua* Referente(-)Diferente (*Papers, Journals, Relatórios, Interrogatórios, Confessionários, Acusatórios, Mea culpa* etc.), mas também uma certa imagem de Universal como Doação ao Pensamento das Coisas do-Aí

ou de-Então ou de-Outrora ou do-Porvir – todos di(s)centes verdadeira e francamente de Si em Si e do Si no Si, isto é, as tecnologias de Si (mesmo) e do Id-entitário, da presença da presença – são a efetuação Última em-Universo, suas Ciência e Arte primas: a Obra Completa, as variedades, o diferencial-integral. Para Verso, então, o avesso de Universo: a materialização antidiferencial e antideferencial de conceitos, imagens ou figurações reais e/ou fantasmais (real-no-fantasmal) deverá ser *de-cidida* (critic-ada) em sua materialidade e efetividade, mas não segundo Universo (tratar de, retornar, destronar, o dizer *de...*), senão segundo Verso (destratar, tornar, entornar, o desdizer *desde...*). Não se trata mais da diferença *real*, mas a divergência, a vergência, a versância potencial entre citar e recitar, tratar e versar.

5.4. Um antiexemplo (im)possível desta de-cisão parece repousar nas figurações hipervegetais asiáticas, na *ekhprasis* de coisas sem Alma, no cinema abstracionista e de seres microscópicos, ou mesmo nas renderizações visuais de dados eletromagnéticos de *corpus* microscópicos ou estelares, se e somente se extraídos de sua destinação para-o-Humano. Ao desativarem a transferência da escala dos dias e da visão de Vida e Morte em-Sujeitos humanamente possíveis, tais ocorrências parecem trair o Universal em *realia* a favor de uma de-geração Trans-Versal de *impossibilia* sem condições de (des) humana (im)possibilidade. Neste sentido, parece divertirem-se duas Visões em Verso versus Universo: uma de Universo, que con-verte ou re-verte a Visão do Invisível em Visível como Re-visão; uma de Verso, que verte e per-verte a Visão do Invisível em Visível como Alucinação (*allusein*, a menos de suas conotações universalmente clínico-psiquiátricas ou oftalmológicas).

5.5. Flauta de melodias inauditas, inaudíveis. Rebanho de poesias inéditas, ilegíveis. Pastora ignorante de ditos e escritos de ovelhas que não tange – gritos. De Alberto Caeiro, dos *Poemas inconjuntos*, temos:

A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
 Não, nem a ti nem a mim, pastor<a>.
 Pertence só à felicidade e à paz.
 Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
 Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.

*Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol,
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra coisa
indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.*

Em *Pastora tocando flauta*, atribuído a Giuseppe Maria Crespi, a incógnita figura de mulher sem rosto dá costas às vistas da pintura.